

# DAS RELAÇÕES ENTRE LITERATURA COMPARADA E TRADUÇÃO LITERÁRIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Alzira L.V. Allegro\*

**RESUMO:** O presente trabalho tece algumas considerações sobre as relações entre Literatura Comparada e Tradução Literária, abordando a influência das traduções na cultura, língua e sociedade de uma nação.

**Palavras-chave:** literatura comparada, tradução literária, cultura, influências, hegemonia.

**ABSTRACT:** This paper offers some reflections on the relationship between Comparative Literature and Literary Translation, focusing on the influence of translations in the culture, language and society of a nation.

**Keywords:** comparative literature, literary translation, culture, influences, hegemony.

## INTRODUÇÃO

Adentrar o terreno da Literatura Comparada é preparar-se para caminhar por trilhas diversas do pensamento humano. É desprezar fronteiras e penetrar em territórios diferentes e descobrir que o "Outro" pode ser o "Mesmo" ou que o "Outro" pode ser "Eu-mesmo", ou simplesmente o "Outro"; é valer-se da oportunidade de olhar longe para ver de perto como o Outro fala, do que o Outro fala, o que o Outro pensa, onde o Outro vive, como vive; é, enfim, estabelecer comparações – atitude normal do ser humano. O exercício do comparativismo "colabora para o entendimento do Outro" (CARVALHAL: 1997:8) e nesse processo, a literatura

---

\* Mestre e doutoranda em Letras (USP), professora do Curso de Letras, Tradutor/Intérprete.

comparada garante sua participação nos mecanismos de integração cultural.

Nesta instigante empreitada, várias podem ser as trilhas pelas quais o comparatista se aventura: pode optar pela via da tradução literária, pela via da estética da recepção, pela via da intertextualidade, pela via dos polissistemas literários, e outras mais.

Resguardando o limite de espaço que nos coube para uma reflexão a respeito de algum aspecto ligado aos estudos de Literatura Comparada, pretendemos aqui registrar de forma breve algumas considerações envolvendo as relações entre Literatura Comparada e uma das trilhas arroladas acima: a tradução. Ao discutirmos o objeto e a finalidade da Literatura Comparada, tentaremos examinar de que forma a tradução, como mediadora das relações interculturais, participa como ferramenta de trabalho do comparatista em sua tarefa de comparar literaturas ou culturas diferentes; de que forma o comparatista, ao lidar com a tradução, ultrapassa as fronteiras do simples (?) ato de comparar traduções e mergulha no estudo das influências ou do impacto que as traduções possam causar, seja pelas áreas de contacto entre as línguas e culturas envolvidas, seja pelas diferenças que as mesmas possam revelar.

## **I – Definindo Literatura Comparada: campo fértil**

“I have always thought of translation as a way to enrich a language. If you write an original work in a particular language you are likely to exhaust that language’s own resources, if I may say so. If you translate, you import the riches contained in foreign languages into your own by means of felicitous commerce.” (Lefevére:1992:37)

O trecho acima foi extraído do prefácio com que o clérigo, poeta e tradutor francês Jacques Delville (1738-1813) apresentou e justificou sua tradução das **Geórgicas** de Virgílio, publicada em 1769.

Se nos valermos do pensamento de Delville e se tomarmos a liberdade de expandi-lo com as reflexões de George Steiner em seu

artigo "Que é Literatura Comparada", teremos boas razões para nos empenharmos em uma breve meditação sobre as relações entre Tradução Literária/Estudos de Tradução e a Literatura Comparada, esta última como uma disciplina dos Estudos em Teoria Literária. Vejamos o que Steiner tem a nos dizer:

Todas las facetas de la traducción – su historia, sus medios léxicos y gramaticales, las diferencias de enfoque, que van desde la traducción interlineal, palabra por palabra, hasta la más libre imitación o adaptación metamórfica – tienen un valor crucial para el comparatista. El comercio que se da entre las lenguas, entre los textos de distintos períodos históricos o formas literarias, las complejas interacciones que se producen entre una traducción nueva y las que la han precedido, la antigua pero siempre viva batalla entre ideales, entre 'la letra' y 'el espíritu', es el de la literatura comparada misma. (1997:150)

Habitando o mesmo universo, ou seja, discutindo o objeto de estudo da Literatura Comparada, Leyla Perrone-Moysés também nos oferece sua perspectiva:

Estudando relações entre diferentes literaturas nacionais, autores e obras, a literatura comparada não só admite, mas comprova que a literatura se produz num constante diálogo de textos, por retomadas, empréstimos e trocas. A literatura nasce da literatura; cada obra nova é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes. Escrever é, pois, dialogar com a literatura anterior e com a contemporânea. (1990: 94)

Buscando mais familiaridade com a área do comparativismo literário, uma pesquisa em diferentes obras pertinentes nos mostrou que definir com precisão o âmbito de ação da disciplina é tarefa ingrata. Variam as definições, variam os enfoques, variam as delimitações do seu campo de pesquisa/trabalho. Prova está na obra "*Que é Literatura Comparada*" onde os autores Brunel, Pichois e Rousseau oferecem uma outra definição do objeto da Literatura Comparada: "*parece múltiplo como o mundo e perpetuamente fugidio. De que trata a literatura comparada? Das relações literárias entre dois, três, quatro domínios culturais entre todas as literaturas*

*do globo? Tal é hoje seu feudo natural, sem nenhuma contestação.”*  
(1983:139).

Não podemos, porém, parar por aí. A literatura comparada admite definições e mais definições. Não nos cabe aqui exibi-las todas. Entretanto, pela recorrência com que foi encontrada em várias obras relativas à área, parece que a perspectiva utilizada por H.H.H.Remak é das mais aceitas, por abarcar mais amplamente o assunto. Remak considera a literatura comparada

o estudo da literatura além das fronteiras de um país em particular, e o estudo das relações entre literatura de um lado e outras áreas do conhecimento e crença, como as artes (pintura, escultura, arquitetura, música), a filosofia, a história, as ciências sociais (política, economia, sociologia), as ciências, as religiões, etc., de outro. Em suma é a comparação de uma literatura com outra ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana. (CARVALHAL;1998:74)

Vê-se, então, que o comparativismo é campo fértil e vasto para abrigar estudos de natureza vária, seja das relações entre culturas literárias e artísticas além fronteiras geográficas, seja entre literatura e outras formas artísticas ou mesmo de outras áreas do conhecimento; seu objetivo final deve ser, assim, investigar que tipos de diálogos e olhares se estabelecem entre diferentes regiões e diferentes ambientes culturais e como tais diferenças interagem (ou não); que possibilidades tais comparações abrem para um estudo (criterioso) de fontes e influências; que importância ganha o leitor nessa aventura; qual o papel reservado ao tradutor, criador que é da 'ponte necessária' para a transmissão da cultura entre povos. Como um crítico da tradução, o comparatista pode ressaltar e aferir valores nas obras que analisa. Vê-se, já de início, que, por sua própria natureza, ou seja, pelas diversidades de perspectivas que abraça, a literatura comparada é uma área polimorfa, pois, conforme assevera Leyla Perrone-Moisés, ao seu âmbito de estudo ocorrem vários enfoques: relações entre obra e obra; ou entre autor e autor; entre movimento e movimento; estudo da fortuna crítica ou da fortuna de

tradução de um autor em outro país; estudo de tema ou de uma personagem em diferentes literaturas; ou seja, segundo o raciocínio da pesquisadora, a literatura comparada, "*mais do que qualquer outra disciplina literária*" é difícil de ser definida teórica e metodologicamente, devido à "*vastidão de seu campo e da pluralidade de seus métodos*" (1990:91). Disciplina 'eclética' por natureza, parece indiscutível que a literatura comparada tem trânsito livre em suas investigações sobre outras áreas artísticas e outros domínios do saber; ela "*fornece à crítica literária, à historiografia literária e à teoria literária uma base fundamental.*" (CARVALHAL: 1998:39). Não é sem uma ponta de humor (saudável, diga-se de passagem) que Brunel e seus companheiros de autoria de "Que é Literatura Comparada" acredita antes "*na perenidade do comparatista como 'especialista' das generalidades*" (BRUNEL, PICHOSIS & ROUSSEAU:1983:141).

Em seu artigo "Observações Críticas a Respeito da Natureza, Função e Significado da História da Literatura Comparada", Louis Paul Betz nos ensina que

Investigar como as nações aprenderam umas com as outras, como elas se elogiam e criticam, se aceitam e rejeitam, se imitam ou distorcem, se entendem ou interpretam mal, como elas abrem os corações ou se fecham umas às outras, mostrar que as individualidades, como períodos inteiros não são mais do que elos de uma cadeia longa e multifilamentada que liga passado a presente, nação a nação, homem a homem – estas, em termos gerais, são as tarefas da história da literatura comparada (COUTINHO & CARVALHAL:1994:54).

Hoje, a literatura comparada tem a seu dispor uma série de instrumentos que a auxiliam em seus estudos, sobretudo de fontes e influências literárias. Dentre esses destacam-se os estudos da estética da recepção, que dão ao leitor o status de 'artista principal' (NITRINI:1997:176); os estudos de intertextualidade, com Julia Kristeva investigando o texto em suas relações com o sujeito, o inconsciente e a ideologia; os estudos de tradução e a história comparada da tradução, ilustrando a influência de uma literatura em

outra e também oferecendo uma *“percepção substancial de suas fontes históricas e internas”* (COUTINHO & CARVALHAL:1994:55); a teoria dos polissistemas literários, onde Even Zohar explicita suas reflexões sobre a teoria da tradução e relação dialética entre as categorias ‘canônico’ e ‘não canônico’.

E com base nessa linha de raciocínio, seria possível tecer uma longa rede de reflexões sobre as múltiplas áreas do conhecimento de que se vale a literatura comparada para se firmar com a força que adquiriu ao final deste milênio. Entretanto, uma empreitada desse porte não é nosso objetivo aqui. Suficiente material para discussão já teremos, se nos restringirmos às ligações entre a literatura comparada e a tradução literária. Nossa preocupação aqui será tecer algumas considerações sobre o campo da tradução literária como meio de veiculação de cultura entre nações, assunto de óbvio interesse para os comparatistas em seus estudos das relações interliterárias e intraliterárias. Afinal, *“conhecer a ressonância de uma tradução, das leituras críticas que ela provoca diz muito sobre a obra mas também sobre o sistema literário que a acolhe”* (CARVALHAL: 1998:71).

## **II – Literatura Comparada e Tradução: Relações amigáveis (e frutíferas)**

As traduções foram (e ainda são) a forma mais fácil de acesso às obras primas da literatura mundial e uma das formas mais úteis de revelação de traços estilísticos e culturais da produção artística da humanidade. Dentro da história da literatura receptora, a *“personalidade do tradutor deve ser perfeitamente conhecida: associada a elementos sociológicos e comerciais (demanda do público), explica às vezes a escolha do texto; explica sempre o valor e a orientação da tradução”* (BRUNEL: p.31-33), terreno propício para o trabalho do comparatista.

Quando consideramos que a tradução literária, além de processo criativo e intelectual, ocorre em um contexto histórico e social específico, após ser transplantada de um outro contexto histórico e social específico, fica claro que duas línguas, duas culturas e duas sociedades estão aí envolvidas, ensejando para o pesquisador a oportunidade de cotejar os dois 'produtos', aquilatar em que medida as transposições influenciaram ou não a cultura receptora, em que medida a cultura emissora afetou ou modificou a cultura receptora, e que 'ajustes' culturais foram eventualmente feitos; enfim, uma investigação da fortuna literária dos autores e obras, das fontes e influências.

Para o comparatista, considerar a tradução, os critérios utilizados para a sua confecção e o valor que se lhe dá, é tarefa das mais importantes; ver o que a tradução tem a dizer sobre fronteiras culturais (difíceis de serem claramente delimitadas) , sobre as diferenças culturais provocadas pelo movimento do texto no tempo e no espaço, pode representar um desafio formidável e gratificante; afinal de contas, *"translation remains difficult, since the negotiation of cultural, temporal and linguistic differences – to mention only these – always takes place in a space which is never neutral."* (ST.PIERRE:1997:423).

Independentemente do território que acolhe a tradução, o comparatista pode julgá-la pela necessidade que a fez nascer, pela relevância que ela adquire no patrimônio literário ao qual ela se integrou, pela sua popularidade e sua influência; pode examinar de que forma ela contribui para o desenvolvimento do comércio internacional de 'produtos literários'. (COUTINHO & CARVALHAL:1994:324). A tradução é vista pelo comparatista sempre em conexão com seu contexto histórico, ideológico e estilístico; mais ainda: a tarefa do comparatista consiste em mostrar que ela não é apenas *"multiplicação aparente do número de leitores, mas escola de invenção e de descoberta"* (BRUNEL:1983:137), porque na sua base

está a idéia de comunicação entre culturas através da linguagem. (Aí deve residir também a pertinência dos trabalhos de Evan-Zohar e o interesse que neles têm os comparatistas).

A noção de comércio internacional, por mais curiosa que possa parecer se aplicada ao campo de literatura, faz pleno sentido quando tomada metaforicamente no campo da tradução: quando duas línguas, duas culturas e duas sociedades estão envolvidas, pode-se falar de tendências que seguem as linhas globais de comércio internacional; pode-se falar de uma 'economia política' (VENUTI: 1992:139) da tradução, no sentido de que se trata de um intercâmbio cultural, de um diálogo entre culturas onde a tradução age como mediadora de relações interculturais. E se falamos em 'economia política' em tradução, podemos também falar em tendências globais de comércio internacional, o que, por sua vez, traz à mente a idéia de hegemonia cultural. O tema é instigante para os comparatistas e para aqueles interessados em estudar as influências da tradução em países desenvolvidos ou em países em desenvolvimento. Aqui é curioso notar que a influência da produção intelectual do hemisfério Sul é quase nula no hemisfério Norte, ao passo que as línguas e culturas do primeiro sempre foram muito afetadas pelas línguas e culturas hegemônicas do segundo. Nesse sentido, conforme o pensamento de Richard Jacquemond,

It is no surprise that the global translation flux is predominantly North-North, while South-South translation is almost nonexistent and North-South translation is unequal: cultural hegemony confirms, to a great extent, economic hegemony. (VENUTI:1992:139)

Assim, a tradução, ao colocar em jogo conceitos de diferença cultural, histórica, social e até mesmo política, produz ou detecta relações de alteridade através da língua, evidenciando os íntimos laços existentes entre literatura, história e cultura.

Em seu ensaio "The Language of Cultural Difference: Figures of Alterity in Canadian Translation" Sherry Simon afirma:

The humanist vision of translation as peaceful dialogue among equals, as the egalitarian pursuit of mutual comprehension, is only one of a number of paradigms which account for the dynamics of translation. If translation is taking on increased importance today as a way to conceptualize processes of cultural transmission, it is because we recognise that it participates in many different ways in the generation of new forms of knowledge, new textual forms, new relationships to language. (VENUTI:1992:160).

Foi essa percepção que mudou drasticamente os caminhos trilhados pelos recentes estudos de tradução. Com o surgimento das teorias feministas e do pós-colonialismo nossas intuições sobre conhecimento cultural e diferença cultural foram abaladas; com a crescente ênfase no controle coletivo do conhecimento cultural, o papel desempenhado pela ideologia - o que Antonio Gramsci chama de 'hegemonia' - na construção e manutenção desse conhecimento cultural e no controle das transferências através de barreiras culturais, tem assumido importância cada vez maior. Questões são colocadas: qual é o impacto dos sistemas culturais e políticos sobre a tradução? Qual o impacto do sistema cultural-alvo sobre aquilo que é traduzido e por que e como a tradução é usada dentro do sistema? Ao pesquisador de estudos da tradução e ao comparatista, esses são questionamentos que recebem análise aprofundada, especialmente agora que muitas populações até então marginalizadas e silenciadas começam a contar sua história às culturas hegemônicas que as haviam dominado.

Uma cultura dominada traduzirá muito mais de uma cultura hegemônica do que o reverso. Os autores de uma cultura dominada que sonham ganhar uma ampla audiência tenderão a escrever para tradução em uma língua hegemônica, o que implicará ajustar-se de alguma forma aos estereótipos da cultura hegemônica que, por sua vez, tende a traduzir obras de autores de uma cultura dominada que se ajustem às noções preconcebidas da última, isto é, traduções em uma cultura hegemônica tendem a preservar os estereótipos das culturas dominadas; mais ainda: as traduções de uma cultura

dominada incorporadas a uma cultura hegemônica serão vistas como difíceis, misteriosas e mesmo esotéricas, ou seja, de difícil interpretação; ao passo que uma cultura dominada tenderá a traduzir de uma cultura hegemônica de forma a que a obra seja acessível às massas (ROBINSON:1997:235).

A questão da hegemonia é, de fato, um dado relevante quando se examina a produção intelectual do globo: as línguas e culturas hegemônicas do Norte são altamente influentes no desenvolvimento das línguas, culturas e atividades sociais do Sul e as implicações disso nos processos de tradução não podem ser desprezadas, já que a história colonial e sobretudo pós-colonial mostra que a desigualdade é característica típica entre os países desenvolvidos e em países em desenvolvimento. E o crivo dos comparatistas nessa área deve revelar perspectivas muito ricas e muito material para reflexão.

Tão importantes são os estudos da tradução atualmente que pesquisadores da área têm expandido suas teorias sobre o assunto e têm trilhado novos caminhos, associando o papel da tradução à 'modelagem' do sistema literário e à história das idéias, haja vista a profusão de estudos ligando a tradução à linguística, aos estudos literários, à história cultural, à filosofia, à antropologia. Susan Bassnett, pesquisadora de ambas as áreas - tradução e literatura comparada - chega a afirmar que *"the current perspective [...] proposes instead that comparative literature be considered a branch of the much wider discipline that is Translation Studies."* (BASSNETT:1988:Preface).

Com tantas teorias novas, outras preocupações passaram a ocupar a mente dos tradutores; entre elas mencionemos certa dose de suspeita que foi gerada com relação à questão da intuição cultural - do 'politicamente correto'- do que essa ou aquela palavra ou texto significa. Douglas Robinson dá seu conselho ao tradutor:

A first-world translator should never assume his or her intuitions are right about the meaning of a third-world text: a dictum for our times,

overheard at a translators's conference. By the same token, a male translator should never assume his intuitions are right about the meaning of a text written by a woman; a white translator about a text written by a person of color, and so on. (1997:227)

Seguir os rastros das traduções para detectar essa nova 'ordem mundial' é certamente um desafio para aqueles interessados em confrontar literaturas.

Em "Literary History and Translation: an Indian View", G.N.Deny traz à tona a relação entre literatura comparada e tradução, ao afirmar que

Comparative literature implies that between two related languages there are areas of significance that are shared just as there may be areas of significance that can never be shared. Translation can be seen as an attempt to bring a given language system in its entirety as close as possible to the areas of significance that it shares with another given language or languages. All translations operate within this shared area of significance. Such a notion may help us distinguish synonymy within one language and the shared significance between two related languages. (1997:397-405).

Assim, literatura comparada e tradução caminham lado a lado. Comparando obras, cotejando textos de diferentes origens e épocas e aprendendo (e apreendendo) cultura, o comparatista está constantemente mergulhando em alteridade cultural. E é exatamente de alteridade cultural que nos fala Octavio Paz, quando ele nos *traduz* o sentido do que é tradução:

La extrañeza cesa de ser un extravío y se vuelve ejemplar. Su ejemplaridad es paradójica y reveladora: el salvaje es la nostalgia del civilizado, su outro yo, su mitad perdida. La traducción refleja estos cambios: ya no es una operación tendiente a mostrar la identidad última de los hombres, sino que es el vehículo de sus singularidades [...]por una parte la traducción suprime las diferencias entre una lengua y otra; por otra, las revela más plenamente: gracias a la traducción nos enteramos de que nuestros vecinos hablan y piensan de un modo distinto al nuestro. (s/d: 11-13)

## **CONCLUSÃO**

Como acreditamos ter sido possível mostrar, a literatura comparada e os estudos de tradução mantêm estreitas relações no sentido de que a primeira tem na segunda constante fonte de inspiração e um riquíssimo campo de trabalho e a segunda pode se valer da primeira para ampliar suas pesquisas. Atrás de ambas está o escriba original, o autor do texto que resultou na tradução, tradução essa que serviu de ferramenta de trabalho para o comparatista. Também como membro da espécie humana, o autor original traduziu para outros homens seus anseios, sonhos e frustrações, que, por sua vez, influenciaram outros homens em seus anseios, sonhos e frustrações, numa cadeia sem fim que, ao final das contas, talvez traia nosso íntimo, inconsciente e ancestral desejo de retornar ao período 'pré-Babel'. Sendo a língua a ferramenta maior de comunicação entre os homens, a tradução garante progressivamente seu status, sobretudo em tempos de "globalização econômico-financeira e de individualização cultural." E com ela a literatura comparada alça vôo, vislumbrando não só o resultado do produto final (a tradução) como a fonte que o originou.; da fonte para as influências (ou vice-versa); enfim, o que o espírito e a mente humanas criaram como forma de comunicação. Talvez o anseio expresso pelo poeta irlandês Seamus Heaney em seu artigo "The Drag of the Golden Chain", onde ele discute o trabalho do tradutor, nos remeta àquela época 'pré-Babel' e explique de maneira mais poética por que o comparatista e a tradução têm um papel relevante na integração dos povos:

Contact with other tribes, trade with other nations, invasion by bitter empires, conversion to other faiths, education in other cultures – progressively and capably from the cave to the computer age, human beings keep evolving as creatures of language, meeting the new and integrating it, but never without experiencing every time a vestigial tremor, a repetition of that first shock of hearing the other. Hence the writer's longing can be understood as a nostalgia for the original undifferentiated linguistic home. (1999:14-16)

## REFERÊNCIAS

- ARROJO, R. "Feminist, 'Orgasmic' Theories of Translation and Their Contradictions" in: *Tradterm – Revista do Citrat – Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia*. FFCHL-USP, no. 2, 1995, pp. 67-75.
- AUBERT, H. A. Challenges of Cultural Translation (The Translational Adventures of Askeladden)" in: *Tradterm – Revista do Citrat – Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia*. FFLCH- USP, no. 2, 1995, p. 45-58.
- BASSNETT, S. *Translation studies* London and New York: Roudledge, 1988
- BRUNEL, P.; PICHOSIS, C. & ROUSSEAU, A.M. *Que é literatura comparada?* (trad. C. Berretini). São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- CARVALHAL, T.F. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Literatura comparada no mundo: questões e métodos*. Porto Alegre: L&PM Ed., 1997.
- COUTINHO, E.F. & CARVALHAL, T.F. *Literatura comparada – textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DENY, G.N. "Literary History and Translation: An Indian View" in: *META – Translators' Journal*. Vol. 42, No. 2, Montréal, June 1997, pp. 397-405.
- GENTZLER, E. *Contemporary translation theories*. London and New York: Routledge, 1993.
- JACQUEMOND, R. "Translation and Cultural Hegemony: the Case of French-Arabic Translation" in: VENUTI, L. (ed.) *Rethinking translation – discourse, subjectivity, ideology*. London and New York: Routledge, pp. 139-158, 1992.
- LEFEVERE, A. *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*. London and New York: Routledge, 1992.
- \_\_\_\_\_. (ed.) *Translation/history/culture*. London and New York: Routledge, 1992.

NITRINI, S. *Literatura comparada*. São Paulo: EDUSP, 1997.

PAES, J.P. *Tradução: A ponte necessária – aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990.

PAZ, O. *Traducción: Literatura y literalidad*. Barcelona: Tusquets Editores, (s/d).

PERRONE-MOISÉS, L. *Flores da Escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ROBINSON, D. *Becoming a translator – an accelerated course*. London and New York: Routledge, 1997.

\_\_\_\_\_. *Translation and empire*. Manchester: St. Jerome Publ., 1997.

ST. PIERRE, P. "Translating Cultural Difference: Fakir Mohan Senapati's Chha Mana Atha Guntha" in: *META – Translators's Journal*. Vol. 42, No. 2, Montreal, June 1997, pp.423-437.

STEINER, G. "Qué es literatura comparada?" in: *Pasión intacta*. Barcelona: Siruela/Norma, 1997.

VENUTI, L. (ed.) *Rethinking translation – discourse, subjectivity, ideology*. London and New York: Routledge, 1992.

ZLATVA, P. (ed.) *Translation as social action – Russian and Bulgarian perspectives*. London and New York: Routledge, 1993.